

A CHARGE NA VISÃO DIALÓGICA

Vania Maria Medeiros de Fazio AGUIAR

Miriam Bauab PUZZO

Universidade de Taubaté - UNITAU

Resumo: O presente trabalho visa a analisar um enunciado verbo-visual em que se observam alguns preceitos defendidos por Mikhail Bakhtin e o Círculo, como autor/personagem, carnavalização, exotopia e cronotopia. Para tal estudo, foi examinada a materialidade específica do gênero *charge*, do jornal *Folha de S. Paulo* de 18/03/2011, sobre a visita do presidente americano, Barack Obama, ao Brasil. Procura-se observar nas escolhas imagéticas os sentidos que circundam o enunciado e a relação sócio-política que o envolve além do tom avaliativo adotado, considerando-se o leitor pressuposto do jornal e o contexto sócio-histórico. Tal estudo apoiou-se no conceito de gênero do discurso pontuado na obra *Estética da Criação Verbal* (2003), em outros textos do Círculo (2009; 2010), além de concepções teóricas relacionadas à análise da linguagem verbo-visual baseada em Dondis (2007). Espera-se que esse estudo, desenvolvido sob a perspectiva dialógica da linguagem, venha a acrescentar ao profissional de educação sugestões de análise das linguagens midiáticas, a fim de auxiliar os aprendizes quanto ao julgamento crítico das opiniões apresentadas pela mídia impressa, além de estimular futuras pesquisas nos estudos da Linguística Aplicada.

Palavras-chave: Enunciado verbo-visual. Carnavalização. Exotopia. Cronotopia.

THE CHARGE IN DIALOGICAL VISION

Abstract: This paper aims to analyze a verbo-visual statement where there are some precepts advocated by Mikhail Bakhtin and the Circle as author/character, carnivalization, exotopy and cronotopia. For this study it was examined the specific materiality of the genre *charge* from the newspaper *Folha de S. Paulo* of March 18th 2011 about U.S. President Barack Obama's visit to Brazil. It was observed in the imagery choices the senses surrounding the statement and the socio-political relationship that it involves in addition of the evaluative tone adopted, considering the assumption of the reader newspaper and socio-historical context. This study was supported in the concept of about discourse genres expressed in Esthetic of Verbal

Creation (2003), and other texts of Bakhtin Circle (2009; 2010) and theoretical concepts related to the verbal-visual language analysis, according to Dondis (2007). It is expected that this study, developed under the dialogic perspective of the language, will provide to the education professional suggestions for media language analysis, in order to enable student's critical judgment over the opinions presented by the press media, as well as to stimulate future researches in the Applied Linguistic field.

Keywords: Verbo-visual statement. Carnivalization. Exotopy. Cronotopia.

LA CHARGE EN LA VISIÓN DIALÓGICA

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar un enunciado verbo-visual donde se observa preceptos defendidos por Mikhail Bakhtin y el Círculo como autor/personaje, carnavalización, exotopy y cronotopia. Para tal estudio se analizó la realidad específica del género *charge*, del periódico *Folha de S. Paul*, del 18/03/2011, acerca de la visita del presidente americano Barack Obama al Brasil. Buscamos observar en las elecciones de las imágenes sentidos que rodean el enunciado y la relación socio-política que lo implica, además del tono valorativo adoptado, teniendo en cuenta el lector presumido del periódico y el contexto sociohistórico. Este estudio fue apoyado por conceptos sobre géneros discursivos expresados en *Estética de la Creación Verbal* (2003), otros textos de Bakhtin y del Círculo (2009; 2010), además de conceptos teóricos relacionados con el análisis del lenguaje verbo-visual basado en Dondis (2007). Se espera que este estudio elaborado desde la perspectiva dialógica del lenguaje venga a añadir al profesional de la educación sugerencias de análisis del lenguaje de comunicación, para ayudar a los estudiantes en el juicio crítico de las opiniones vertidas por los medios de comunicación impresos, además de estimular la investigación futura en los estudios de la Lingüística Aplicada.

Palabras-clave: Enunciado verbo-visual. Carnavalización. Exotopy. Cronotopia.

INTRODUÇÃO

Nos tempos atuais, a leitura com consciência crítica é um grande desafio para os aprendizes. As informações chegam de maneira rápida e distinta por meio de diversos modos de apresentação dos diferentes veículos de informação, em função de seus posicionamentos ideológicos. De acordo com a teoria dialógica da linguagem de Mikhail Bakhtin e o Círculo, cada campo de criatividade ideológica “tem seu próprio modo de orientação para a realidade e

refrata a realidade à sua própria maneira” (BAKHTIN, 2009, p. 33), permitindo, assim, várias leituras de um mesmo enunciado.

Podemos dizer que Bakhtin e o Círculo têm muito a nos ensinar sobre a maneira de olhar os acontecimentos que nos rodeiam. Estes fatos, refratados pela mídia impressa, de acordo com a teoria bakhtiniana, são respostas aos enunciados anteriores, do passado, com projeções para o futuro, pois “o enunciado está voltado não só para seu objeto mas também para os discursos do outro sobre ele. A relação com a palavra do outro difere essencialmente da relação com o objeto, mas ela sempre acompanha esse objeto” (BAKHTIN, 2003, p. 300).

A análise de um enunciado como a *charge*, pode levar a uma visão mais abrangente de seu interlocutor sobre determinado fato, impelindo-o a uma resposta ativa. Isso, porque a imagem está presente em todos os setores da sociedade nas diversas modalidades de formas, de cores, de texturas, de dimensões, em diferentes gêneros que circulam no contexto social. De acordo com os ensinamentos bakhtinianos, na perspectiva dialógica de estudos de sujeito e da linguagem, a imagem do homem é construída “num processo de comunicação interativa, no qual eu me vejo e me reconheço através do outro, na imagem que o outro faz de mim. Aí o autor visa a conhecer o homem em sua verdadeira essência como um outro ‘eu’ único, infinito e inacabável” (BEZERRA, 2010, p. 194). Para que possamos configurar essa interação numa participação mais propícia, de acordo com Bakhtin (2010a, p. 58, grifo do autor),

é preciso fazer do que é visto, ouvido e pronunciado a expressão da nossa relação ativa e axiológica, é preciso *ingressar como criador no que se vê, ouve e pronuncia*, e desta forma superar o caráter determinado, material e extra-estético da forma, seu caráter de coisa.

A teoria bakhtiniana, com os seus preceitos baseados na unicidade do ser e do outro, veio suprir a necessidade de um entendimento mais profundo das razões pelas escolhas que o locutor realiza para a sua enunciação. O diálogo contínuo com o passado, com o presente e com o futuro, abrangendo toda a sua vivência e, também, a do outro, de maneira refletida e refratada, em seus diversos contextos, é essencial para a compreensão da comunicação. Podemos acrescentar, seguindo os conceitos de Dondis sobre a análise da linguagem visual,

que é necessário, também, “examinar os elementos visuais básicos, as estratégias e opções das técnicas visuais, as implicações psicológicas e fisiológicas da composição criativa [...]” (DONDIS, 2007, p. 2), para que o estudo da *charge* seja produtivo.

A escolha pela análise do enunciado opinativo *charge* foi proveniente da dificuldade encontrada por professores na orientação de seus alunos para o desenvolvimento de uma postura crítica perante os fatos presentes em suas vidas. Esperamos que as imagens observadas de acordo com alguns critérios baseados em Dondis (2007) possam contribuir na leitura visual das opiniões jornalísticas pelos aprendizes, capacitando-os a explorar os múltiplos sentidos de uma interação comunicativa de maneira responsiva, confirmando o conceito de enunciado de Bakhtin como um elo na cadeia da comunicação discursiva.

Para este estudo, selecionamos a *charge* de 18 de março de 2011, que trata da visita do presidente americano, Barack Obama, ao Brasil. Na análise retomamos alguns conceitos que abrangem o estudo da linguagem na visão bakhtiniana, possibilitando-nos compreender a dimensão ideológica presente no enunciado por meio da materialidade verbo-visual.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na perspectiva dialógica da linguagem de Bakhtin e do Círculo, os enunciados são unidades reais de comunicação, não apenas verbais, irrepetíveis, assumidos por um enunciador que expressa sua visão de mundo, seus valores, direcionados não apenas ao leitor imediato, mas a um terceiro supradestinatário (BAKHTIN, 2003). Este é pressuposto pelo enunciador com relação às distâncias temporais ou ideológicas, como Deus, o povo, a verdade, etc, considerado no seu poder de influência, no momento da interação. O sentido é sempre dialógico, cuja configuração se encontra em todos os elementos que compõem qualquer enunciado, possibilitando atitudes responsivas de confiança, de aceitação, de discordância, que constitui a vida no diálogo permanente.

De acordo com Bakhtin (2003, p. 305), as várias “formas típicas de direcionamento e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiares constitutivas e determinantes

dos diferentes gêneros do discurso”. Essas diretrizes definem a forma do enunciado para a apresentação de determinada enunciação, como a *charge*, gênero opinativo da mídia impressa que selecionamos para a realização deste trabalho. Os enunciados tratados na mídia impressa dialogam com outros enunciados para construir seu próprio diálogo, que deverá surtir o efeito de uma resposta/ação, como “correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (BAKHTIN, 2003, p. 268)

Partindo da afirmação do Círculo de que todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado pelo discurso alheio, cada vez que produzimos um enunciado, o que estamos fazendo é participar de um diálogo com outros discursos, daí dialogismo. Nesse sentido, segundo Bakhtin (2003, p. 323), as relações dialógicas “são relações (semânticas) entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva”, refletindo e refratando a enunciação de outrem pela relação avaliativa operada no discurso interior, efetuada pelo comentário efetivo de um lado e a réplica de outro, numa inter-relação comunicativa.

É inegável a dimensão do pensamento do Círculo de Bakhtin sobre a linguagem, que envolvendo vários contextos - sociais, políticos, históricos – por meio do diálogo, permite ampliar a capacidade de compreensão do indivíduo frente a determinado acontecimento e, conseqüentemente, frente à sua existência com relação ao fato. É na inter-relação com as palavras dos outros que se completa o sentido de um novo enunciado, pois ele é carregado da ideologia historicamente construída, refletida na consciência interior dos interlocutores, em cujos sentidos as relações dialógicas são reveladas. O que vai permitir a promoção de todos os sentidos próprios e específicos para o acontecimento histórico é a situação de produção: “nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim” (BAKHTIN, 2003, p.21). Essa individualização conduz ao sentido da obra como “o novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 311). Assim, as relações no interior de um texto refletem e refratam as avaliações apreendidas no discurso de outrem, que num movimento contínuo mantêm relações dialógicas com a obra, numa multiplicidade de vozes diferentes, formando um todo de sentido.

Pelo reconhecimento das configurações da *charge* em outros textos, divulgados pelo mesmo órgão de imprensa e por outros veículos de comunicação, podemos considerar a presença da multiplicidade de vozes na relação com as vozes circundantes nos ambientes de determinada esfera social, possibilitando ao leitor de relacioná-las no tempo e no espaço, facilitando a compreensão do enunciado. O suporte contextual, segundo Romualdo (2000, p, 25),

exerce grande importância para a compreensão da caricatura e da charge, pois elas só alcançarão o seu efeito na medida em que o referente for conhecido e as demais circunstâncias, incluindo as situações ou fatos políticos aos quais elas se referem, também o forem. Se isso não acontece, o seu sentido se esvai.

A *charge* atrai o leitor por transmitir informações de maneira leve e original, tornando-se um veículo de persuasão eficiente. Por ser “um texto imagético e humorístico, atrai mais sua atenção e lhe transmite mais rapidamente um posicionamento crítico sobre personagens e fatos políticos” (ROMUALDO, 2000, p. 15). Referindo-se sempre a acontecimentos contemporâneos, as *charges* são logo esquecidas devido às transformações constantes do contexto social, tornando tais exemplares incompreensíveis com o passar do tempo. Porém, ao localizá-las no tempo e no espaço, os sentidos das linhas, dos pontos, das formas, das cores e das dimensões referentes às suas configurações sempre serão revividas e compreendidas em qualquer época, exigindo uma resposta de seu leitor. Para o Círculo de Bakhtin, todo ato cultural se move numa atmosfera axiológica intensa de interdeterminações responsivas, isto é, em todo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas.

Assim, o que movimenta o acontecimento na sua realização no tempo e no espaço é a resposta ao objeto, que gera uma nova pergunta. “Perguntas e respostas supõem uma distância recíproca” (BAKHTIN, 2003, p. 408). Esse processo de distanciamento, isto é, de exotopia, de acordo com o filósofo russo, enfatiza a dimensão espacial, dando ideia de acabamento na construção do todo, num trabalho de fixação e enquadramento, paralisando o tempo, num excedente de visão acerca de um determinado ponto de vista. Com esse quadro

estático o autor tenta enxergar com os olhos do outro para depois retornar à sua exterioridade e intervir com sua posição axiológica na construção de um todo de sentido. Seguindo as ideias bakhtinianas, Amorim (2008, p. 101) diz que “o conceito de exotopia designa uma relação de tensão entre pelo menos dois lugares: o do sujeito que vive e olha de onde vive, e daquele que, estando de fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro”.

O processo de exotopia possibilita um excedente de visão capaz de posicionar os elementos do acontecimento de forma a se tornarem pontos de vista. A esses acessos extrapostos é projetado um contínuo movimento progressivo para fins de acabamento do fenômeno da interação, sendo, a reiteração do inacabamento, determinante para que o sentido dialógico perdure. Este é o mundo das relações arquitetônicas nomeado por Bakhtin, o qual afirma que a “arquitetônica do mundo da visão artística não ordena só os elementos espaciais e temporais, mas também os de sentido; a forma não é só espacial e temporal, mas também do sentido” (BAKHTIN, 2003, p. 127). E dessa maneira “exprime a qualidade das relações que não se oferecem diretamente ao olhar, mas se manifestam como projeção” (MACHADO, 2010b, p. 204).

Bakhtin explica claramente como se realiza esse processo, utilizando como imagem o momento do desabrochar de uma flor:

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente de minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, colocar-me no lugar dele e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2003, p. 23).

Espaço e tempo são os elementos que possibilitam a realização arquitetônica da exotopia, visto realizar-se pela ocupação do lugar de outro indivíduo de maneira axiológica,

cujos valores refletidos são refratados e revelados a partir de “um determinado processo histórico dos acontecimentos” (BAKHTIN, 2003, p. 241).

Seguindo os ensinamentos do Círculo de Bakhtin, Irene Machado (2010) confirma que o espaço das relações dialógicas se define em função das interações em jogo no campo de visão e naquilo que o excede. A estudiosa da linguagem afirma:

O tempo dialógico é examinado na dinâmica do texto social da cultura onde as manifestações podem ser situadas em seu caráter conceitual, atual e sensorial. O tempo dialógico pode ser assim dimensionado pelas condições antropológicas. [...]. Tempo e espaço [...] são transformações semióticas de vivências em sistemas culturais produtores de sentido (MACHADO, 2010, p. 209).

Para designar a influência do tempo e do espaço na determinação das atitudes das personagens em suas análises narrativas, Bakhtin utilizou a palavra *cronotopo*. O cronotopo bakhtiniano (BAKHTIN, 2010a, p. 349), “determina a unidade artística de uma obra literária no que ela diz respeito à realidade efetiva”. Por trás do todo acabado, o enunciador enxerga o que está se preparando para tomar forma no desenvolvimento, na história. Nesse momento de encontro dialógico, há uma troca enriquecida entre o mundo representado pela obra e o mundo real, realizada num mundo social desenvolvido no decorrer da história ou realizada na vida, numa criação particular de uma obra.

Mesmo estando na obra de uma forma global, o diálogo, assim como cada um de seus cronotopos, não entram na representação da obra, mas no mundo dos participantes do evento: autor, intérprete, ouvinte e leitor, que são também cronotópicos. Para Amorim (2008, p. 103), a concepção do tempo

traz consigo uma concepção de homem e, assim, a cada nova temporalidade, corresponde um novo homem. Parte, portanto, do tempo para identificar o ponto em que este se articula com o espaço e forma com ele uma unidade. O tempo é a dimensão do movimento, da transformação.

Bakhtin também explorou o conceito de carnavalização como um elemento importante para o estudo das relações dialógicas. Para o filósofo russo, “a carnavalização permite ampliar o cenário estreito da vida privada de uma época limitada, fazendo-o atingir um *cenário dos mistérios* extremamente universal e universalmente humano” (BAKHTIN, 2010b, p. 205, grifo do autor), transformando-se em valioso meio de interpretação artística da vida, por meio de uma linguagem simbólica de grande profundidade.

A verdade carnavalizada remete ao diálogo interno, orientado “para um tipo peculiar de contrato entre autor e leitor, compatível com o limiar da própria verdade” (DISCINI, 2008, p. 86), a qual é motivada com o objetivo de sustentar situações imprevistas. É na simultaneidade de contrários - a ambivalência organizadora das partes que constituem as imagens - possibilitando o destronamento, que se consolida a verossimilhança interna na criação do herói carnavalizado, cuja criação responde à voz do leitor. É na coexistência dos tempos, que caracteriza o tempo do limiar – elemento constitutivo da carnavalização -, destruindo a previsibilidade, consolidando-se o inacabamento, também constitutivo da carnavalização bakhtiniana.

O conceito de carnavalização surgiu da análise da obra de Rabelais, *Gargânta e Pantagruel*. Bakhtin constatou a sua ligação com a cultura cômica popular da Idade Média, em que utilizavam “seus símbolos e suas fórmulas para rir de tudo o que era sério e sagrado” (BERNARDI, 2009, p. 79): o espetáculo na praça pública onde os oprimidos podiam considerar a vida em seu avesso. Para tanto havia uma linguagem especial para esse contato. Seguindo a interpretação da teoria por Bernardi (2009), trata-se do uso livre, nos períodos de festividades, das diversas atitudes corporais e verbais que ferem ao pudor, tendo como desfecho a assimilação da cosmovisão carnavalesca, que possibilitava uma transformação sociocultural.

Todo esse espírito de mudança, de confraternização e de alegria sem interdição existente durante os festejos do carnaval foi se concretizando na língua popular com o lirismo da alternância e da renovação, da consciência da alegre relatividade das verdades e autoridades no poder; com a lógica original das coisas ao avesso, das permutações constantes do alto e do baixo, da face e do traseiro, e pelas diversas formas de paródias, travestis,

degradações, profanações, coroamentos e destronamentos bufões. Eram formas especiais de vocabulário e do gesto em praça pública que abolia qualquer distância entre os indivíduos, liberados das normas correntes de etiqueta e da decência.

Seguindo os preceitos de Bakhtin, Bernardi (2009) sustenta que a deformação do corpo de maneira a rebaixá-lo objetivava relacioná-lo aos valores espirituais, que ao distorcê-los mostrava a cultura oficial e religiosa. No rebaixamento havia a intenção da recuperação de forma ainda melhor que a anterior. Tudo apresentado de forma alegre e festiva. Esse corpo é o povo alegre e festivo. O corpo da mulher, por exemplo, apresentado de forma grotesca, isto é, num tom alegre levando ao riso, rebaixa a sua representatividade, mas ao mesmo tempo a recupera. Há todo um movimento da praça pública, sem restrições, sem acanhamento, com o intuito de alegrar.

Segundo Bakhtin (2010b), o riso carnavalesco é o riso festivo. Não é uma reação diante de um fato cômico isolado. É patrimônio do povo. O riso é geral. É universal, pois atinge a todos e a tudo inclusive aos que participam do carnaval, zombando principalmente dos próprios burladores. O riso é “*ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico; nega e afirma; amortalha e ressuscita simultaneamente” (BAKHTIN, 2010b, p. 10, grifo do autor).

Na retratação de fatos e personagens, de forma ambivalente - negando e afirmando, elevando e rebaixando - e nas suas representações de maneira às avessas, a *charge*, assim como outros enunciados humorísticos da atualidade, coloca a descoberto o que está oculto, estimulando a atenção do leitor, levando-o a refletir sobre os acontecimentos vigentes.

Finalizando a apresentação de alguns conceitos da teoria da linguagem na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin que utilizamos para a realização de nossa pesquisa, seguiremos com a análise propriamente dita.

2. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Para a realização da análise dialógica selecionamos a *charge* do jornal *Folha de S. Paulo*, de 18 de março de 2011, véspera da visita do presidente americano Barack Obama ao Brasil. Tal visita poderia ser de grande proveito para as duas nações para tratarem sobre assuntos pendentes entre Brasil e Estados Unidos, referentes à produção de biocombustível, à extinção da sobretaxa de exportação do etanol brasileiro, à colaboração dos EUA na exploração do pré-sal e ao assento permanente do Brasil no Conselho de Segurança da ONU. Dessa forma, procuramos fazer uma amostra de análise dialógica relacionando os diversos sentidos que circulam em determinado contexto sócio-histórico-cultural, refletidos na construção do enunciado.

Segundo a teoria bakhtiniana, o que determina o enunciado, seu estilo e sua composição é a visão de mundo do falante, os seus juízos de valor e emoções, por um lado, e o objeto do seu discurso e o sistema da língua, por outro. Para Bakhtin (2009, p. 111), os contextos “não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto”. Assim, para a concretização desse estudo, retomamos alguns fatos do passado, relacionados com certas divergências ideológicas entre Brasil e Estados Unidos, e outros do presente, para que servissem de contextualização para a análise do enunciado manifestado pela *charge*.

De acordo com a teoria dialógica da linguagem, são as palavras do locutor, refletidas as posições valorativas das enunciações sócio-histórico-culturais anteriores com o acréscimo de outras, posteriores, que possivelmente permitem uma resposta-ação ao evento comunicativo, com reflexos individuais. É na inter-relação com as palavras dos outros que se completa o sentido de um novo enunciado, pois ele é carregado da ideologia historicamente construída, refletida na consciência interior dos interlocutores, com cujos sentidos as relações dialógicas são reveladas.

Confirmando a proposição teórica de Bakhtin, relacionamos dialogicamente a materialidade verbo-visual do enunciado, tendo em vista a tensão resultante das escolhas de

seu enunciador. Baseando-nos em Dondis (2007), observamos os elementos composicionais da comunicação visual, como as linhas, os pontos, as formas e as cores, correlacionando-os com os possíveis sentidos articulados entre os fatos ocorridos entre as duas nações.

Para compreendermos a dimensão ideológica refratada, presente no enunciado, aplicamos, na análise, alguns conceitos que abrangem o estudo da linguagem na visão bakhtiniana – autor/personagem, carnavalização, exotopia e cronotopia -, permitindo-nos uma ampla visão dos sentidos imbricados em cada elemento composicional, em consonância com o tempo histórico do acontecimento.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Podemos considerar que o autor da *charge* do jornal *Folha de S. Paulo*, em anexo (1), de 18/03/2011, véspera da visita do presidente americano Barak Obama ao Brasil, enquadra o seu ponto de vista numa situação em que possíveis soluções de alguns embates entre os dois países ocorridos em gestões passadas, principalmente sobre a questão do biocombustível, poderiam ser concretizadas. A *charge* retrata o encontro, no aeroporto, da presidenta brasileira Dilma Rousseff com o presidente americano Barack Obama, que, logo ao descer as escadas de seu avião particular, vê-se pressionado a fazer um pronunciamento.

O enquadramento do evento num dado lugar - o aeroporto – permitiu ao chargista paralisar o acontecimento histórico no tempo, para assim colocar-se fora da situação e enxergá-la com os olhos do outro. Podemos dizer que a questão do biocombustível pode ser analisada de diferentes maneiras, dependendo de quem e de como a avalia; dos interesses sociais e políticos imbricados; das vantagens e desvantagens da tecnologia desenvolvida e a ser apreendida, entre outros fatores. Assim, a cada olhar pressuposto, referente ao ponto de vista determinado, como os dos presidentes Barack Obama e Dilma Rousseff, do leitor da *charge* e de outros veículos de informação, isto é, das várias vozes inseridas no contexto, o artista leva em consideração para a composição de sua obra. A partir de sua posição exotópica, o chargista recorre aos acontecimentos ocorridos anteriormente entre as duas nações numa visão cronotópica, fazendo com que o seu ponto de vista possa ser apresentado de maneira

concreta no tempo e no espaço. A essas representações, o autor acrescenta seus valores refratados dos acontecimentos ocorridos ao longo do tempo entre os dois países.

Para Bakhtin (2010a, p. 59),

a forma é a expressão da relação axiológica ativa do autor-criador e do indivíduo que percebe (co-criador da forma) com o conteúdo; todos os momentos da obra, nos quais podemos sentir a nossa presença, a nossa atividade relacionada axiologicamente como conteúdo, e que são superados na sua materialidade por essa atividade, devem ser relacionados com a forma.

Podemos considerar que o tempo histórico converge com o evento apresentado na *charge* com a época em que Brasil vota contra as novas sanções ao Irã no Conselho de Segurança da ONU, em junho de 2010, comprometendo a credibilidade diplomática brasileira, e também na solicitação do governo brasileiro para a eliminação da sobretaxa de exportação de etanol para os Estados Unidos, em 2007. O Brasil tenta há anos, até então, a entrada do álcool nacional, de cana-de-açúcar, nos EUA, os maiores produtores de etanol de milho do mundo, que fornecendo subsídios para a sua produção, conseqüentemente, dificulta o ingresso brasileiro na economia americana.

Observamos essas ideias na configuração do olhar do presidente americano realizado de forma caricatural: as duas linhas curvas indicando a testa franzida e as duas linhas curvas grossas e desniveladas, caracterizando as sobrancelhas, podem assumir um aspecto de dúvida, de preocupação, de acordo com a cultura popular; os pontos para baixo e direcionados para a direita, sugerindo um olhar desconfiado, pode ser um indicativo de uma atitude cautelosa, conseqüente das relações diplomáticas abaladas, podendo se estender para a questão do biocombustível.

Também observamos essas ideias na configuração do olhar da caricatura da presidente Dilma, retratado com pontos nivelados e centralizados, denotando um ar maroto de quem fez uma travessura e espera o desenlace da questão de forma dissimulada - mesmo tendo sido o seu antecessor o responsável pelo voto contra no Conselho da ONU - indicando certa

insegurança. Por outro lado, a configuração dos braços estendidos e o corpo esguio remetem a uma postura de segurança ao que se pretende, possivelmente com relação ao biocombustível brasileiro, visto serem os Estado Unidos considerados os maiores consumidores de querosene de aviação do mundo e, portanto, possíveis interessados na tecnologia da produção e beneficiamento da cana-de-açúcar desenvolvido no Brasil.

Podemos ponderar que a posição do autor em relação à personagem foi resultante de um entrecruzamento de posicionamentos avaliativos a respeito da presidenta, relacionados à questão sócio-política que envolve a negociação do combustível tratado. De acordo com Bakhtin (2003, p. 195) “toda obra literária é interna, imanentemente sociológica. Nela se cruzam forças sociais vivas, avaliações sociais vivas penetram cada elemento da sua forma”, determinando a posição do autor em relação à personagem. Sendo a teoria bakhtiniana abrangente a várias esferas do conhecimento, o comentário do autor sobre a obra literária também pode ser aplicado a outras formas de produção enunciativa, como é o caso da *charge*.

A posição axiológica do chargista e sua relação dialógica com as diversas vozes das diferentes esferas no tempo e no espaço materializam a ideia que o fato histórico determinado engendra. Referindo-se ao papel do autor de acordo com os ensinamentos de Bakhtin, Faraco (2010, p. 38) afirma que é “esse posicionamento valorativo que dá ao autor-criador a força para constituir o todo: é a partir dela que se criará o herói e o seu mundo e se lhes dará o acabamento estético”.

No centro da *charge* como figura principal, temos a representação da cana-de-açúcar, matéria prima do biocombustível etanol, pelo desenho de um microfone com a forma e a cor verde da cana-de-açúcar, com seus gomos separados pelos nós da fruta em cor amarela, cor vibrante, podendo representar uma atenção sobre o assunto. As linhas curvas retratam as folhas da cana-de-açúcar de maneira viva. Com esse aspecto parecem efetuar uma investida ao pronunciamento do presidente americano, inibindo-o, configurado por uma linha curva para baixo no delineamento de sua boca.

Para localizar as personagens no tempo histórico, referente ao primeiro encontro entre os presidentes, o autor desenhou a bandeira americana na asa do avião, por cujas escadas, podemos concluir, desceu o presidente americano, caracterizando a figura de Barack Obama. No alto, à direita, com algumas linhas definidas apenas pela tonalidade, provocando um aguçamento, o chargista desenhou algumas aves de grande porte, que podemos deduzir serem emas, aves que vivem nos jardins do Palácio do Planalto, caracterizando a figura de Dilma Rousseff.

Observando o tapete, delimitado por algumas linhas curvas e com alguns riscos no seu meio, simulando dobras, podemos dizer que foi disposto de forma relaxada, sendo os preparativos para a espera de Barack Obama realizados às pressas, sem os devidos cuidados, como se fossem para uma personalidade não tão benquista, mas necessária à boa política de vizinhança e de interesses. O posicionamento da representante brasileira fora do tapete vermelho pode sugerir uma atitude de subserviência à figura do presidente americano, talvez com a intenção de persuasão, de conquista.

Observamos que a caricatura do presidente americano - boca travada, testa franzida, olhar desconfiado, postura encurvada - está configurando o contrário da disposição, da altivez e da habilidade oratória que sempre foram sua marca de homem público, numa tentativa de destronamento, característica da carnavalização bakhtiniana, apresentando a imagem contraditória ao esperado: “é transferido ao baixo tudo o que é elevado” (DISCINI, 2008, p. 62). Tal aspecto de degradação, de deformação representada pelo jeito meio matuto, um pouco caipira, pode ter por objetivo seu rebaixamento, em que “todas as coisas sagradas e elevadas aí são reinterpretadas no plano material e corporal” (BAKHTIN, 2010b, p. 325). Essa retratação pode gerar simpatia no povo brasileiro, regenerando, assim, a sua condição de representante do país mais rico do mundo. Esses rebaixamentos, de acordo com Bakhtin (2010b, p. 325):

não têm caráter relativo ou de moral abstrata, são pelo contrário topográficos, concretos e perceptíveis; tendem para um centro incondicional e positivo, para o princípio da terra e do corpo, que absorvem e dão à luz. Tudo o que está acabado, quase eterno, limitado

e arcaico precipita-se para o 'baixo' terrestre e corporal para aí morrer e renascer.

Também podemos identificar um mundo carnavalizado na configuração das emas ao fundo do desenho que representa o aeroporto, fato inconcebível pelas regras de segurança. Tal imagem está apresentada de modo exageradamente contrário ao que se pode esperar, assim também como o pedaço de cana-de-açúcar como sendo um microfone. Para Bakhtin (2010b), a linguagem carnavalesca pode ser considerada como uma visão de mundo que reestrutura os próprios meios de representação da realidade. É a “capacidade de revelar os processos da cultura e ao mesmo tempo denunciar, pelo riso, as conflituosas relações que se estabelecem entre os homens em situações de limiar” (BERNARDI, 2009, p. 93).

Como Dondis (2007, p. 99) confirma que “a forma segue a função”, podemos concluir que a proposta do chargista na elaboração do enunciado visual foi mais geral e abrangente, pela complexidade das possíveis interpretações que podem surgir. Assim, a charge não será recebida e decodificada se não levarmos em conta os diversos contextos necessários para que isso aconteça (ROMUALDO, 2000). A sua compreensão/interpretação vai ao encontro do conhecimento prévio do leitor, de suas leituras ao longo de sua existência, assim como a postura ideológica assumida por ele, que responderá a determinada enunciação de acordo com seu horizonte social.

Ao tratarmos sobre compreensão/interpretação da leitura nas escolas, visamos a auxiliar os educadores na orientação dos aprendizes a uma mudança de posturas de modo responsivo, com atitude. Por serem enunciados de grande riqueza de idéias, crenças, ideologias e conhecimentos, os enunciados opinativos da esfera jornalística tornam-se objetos especiais para a análise dialógica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos variados aspectos da materialidade verbo-visual da *charge*, foi-nos possível detectar uma gama de vertentes histórico-culturais para fins de análise dialógica desse enunciado. No presente estudo nos detivemos a uma reduzida parte desses aspectos pela

amplidão de caminhos que cada discurso envolve na comunicação verbal, como “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003, p. 289).

Nas configurações gráficas da *charge* atentamos a uma possível solução entre as duas nações apesar da desconfiança entre ambos os presidentes, retratados de maneira caricatural. Concretizamos tal conclusão pela observação das formas, das linhas definidas, das linhas obscuras, das cores representativas, da caracterização do tipo de olhar das figuras por meio de pontos e do nivelamento das imagens. Todas essas escolhas significaram, pois foram considerados os diversos contextos necessários, permitindo a compreensão das imagens e, conseqüentemente, as relações dialógicas com o contexto sócio-político. Dessa forma, o enunciado diz respeito à possível aliança entre Brasil e EUA, numa expectativa de prováveis possibilidades, refletindo a posição do enunciador e, de certo modo, respondendo à expectativa de seu leitor presumido.

Podemos concluir que o resultado das decisões compositivas do autor da *charge*, de acordo com Dondis (2007, p. 29), “determinam o objetivo e o significado da manifestação visual e têm fortes implicações com relação ao que é recebido pelo espectador”, o qual responde à imagem segundo sua avaliação axiológica. Ao materializar suas escolhas, resultantes de uma posição axiológica construída a partir de um conjunto múltiplo e heterogêneo de vozes ou línguas sociais, isto é, de maneira dialógica, o chargista denotou o seu estilo.

Mesmo abrangendo poucos aspectos enunciativos para análise, esperamos que esse trabalho colabore no ensino da língua materna e que contagie futuras pesquisas nos estudos da Linguística Aplicada, para que a educação nas escolas possibilite cada vez mais o desenvolvimento do potencial de leitura crítica de nossos aprendizes.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: *Bakhtin: outros conceitos-chave*. (Org.) Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Tradução de Aurora F. Bernardini, José P. Júnior, Augusto G. Júnior, Helena S. Nazário e Homero F. de Andrade. São Paulo: HUCITEC, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010b.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c.

BERNARDI, Rosse Marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: *BAKHTIN: dialogismo e polifonia*. (Org.) Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2009.

BEZERRA, Paulo. Polifonia. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2010.

DISCINI, Norma. Carnavalização. In: *Bakhtin: outros conceitos-chave*. (Org.) Beth Brait. São Paulo: Contexto, 2008.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da Linguagem Visual*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: *Bakhtin: conceitos-chave*. Beth Brait (Org.). São Paulo: Contexto, 2010.

MACHADO, Irene. A questão espaço temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia. In: *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Luciene de Paula; Grenissa Stafuzza (org.). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia*. Maringá: Eduem, 2000.

Vania Maria Medeiros de Fazio AGUIAR

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Barra Mansa (1976); especialização em Língua Portuguesa pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Volta Redonda (2001); e mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (UNITAU - 2012), envolvendo o discurso midiático impresso com os seguintes temas: relações dialógicas, linguagem verbovisual e gêneros discursivos. Docente aposentada pelo Estado do Rio de Janeiro com experiência na área de Letras com ênfase em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Atualmente participa do grupo de pesquisa em Linguística Aplicada da UNITAU.

Miriam Bauab PUZZO

Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de São José do Rio Preto (1967), graduação em Pedagogia pela Universidade do Vale do Paraíba (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1997) e doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2004), pós-doutorado em Linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Atualmente é professor titular da Universidade de Taubaté, vinculado ao programa de Mestrado em Linguística Aplicada. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: linguística, literatura brasileira, jornalismo e publicidade.

ANEXO 1:

Charge (Análise e discussão dos resultados)



Fonte: *Folha de S. Paulo*, 18 de março de 2011, p. A2 opinião.